

1ª PARTE

HOMENAGENS

Ao poeta Francisco Carvalho
1927– 2013

Centenários

João Clímaco Bezerra
Fran Martins
Francisco Alves de Andrade e Castro
(Chico Alves)

Poeta da Vida Inteira

Noemi Elisa Aderaldo

Não caberia aqui, da minha parte pelo menos, embrenhar-me em detalhes do gigantesco mundo poético de Francisco Carvalho, já abarcando, a esta altura, um conjunto de três dezenas de obras, haja vista, por um lado, a infinidade de aspectos e minúcias de incontáveis espécies nele existente, incluindo a inesgotável versatilidade das formas e demais riquezas que crescem incessantemente em todos os sentidos ao longo da sua vasta poemática e, por outro lado, a inquebrantável unidade de tal mundo poético, tarefas essas para mim praticamente inexecutáveis, sem falar do que sobre este autor já se escreveu.

Diante disso, e dessa maneira, mais não poderemos que nos restringir a certos pontos capitais e globais de tal singularíssima e vasta obra.

Dos seus objetivos fundamentais de construção alude Carvalho:

“Sinto com palavras todos os dias
Todas as horas, todos os minutos
Não sei se luto em vão com esses brutos Cristais,
essas esquivas pedrarias”.

(Barca dos sentidos, p. 51).

A impressão que predomina ao se perflustrar tanto a obra quanto a vida de Francisco Carvalho é a de representarem ambas uma coisa só, melhor dizendo de um único ser, ambas somente distinguíveis como o fazemos com um espelho e seus reflexos. Tornou-se um fenômeno absolutamente singular, pois as obras dos autores literários sempre permanecem como partes integrantes do mesmo, criadas e como tais manipuláveis e pesquisáveis. Não acredito existir, em toda a história universal da Literatura, mormente na poesia, unidade tão global e tão perfeita entre um autor e sua vida com a sua obra.

Eis o Poeta na *Barca dos Sentidos*:

“O que tem de acontecer – acontece...

O limiar da eternidade e do infinito...

A velhice da memória e a velhice dos sentidos”. (pg. 67)

Sua obra é sua própria vida. Igualmente, talvez de nenhum outro poeta caiba dizer que fez da sua inteira vida, poesia e, ao mesmo tempo, da poesia a sua vida.

Polimorfismo

Além de incomparável, em muitos sentidos, originalidade e singularidade, cabe ressaltar alguns outros aspectos globais que não poderiam ficar omitidos. Dentre as qualidades inatas e essenciais não poderíamos deixar de ressaltar sua vocabular riqueza sertaneja, inclusive o emprego de ancestrais ou regionais polimorfismos e neomorfismos linguísticos e fonéticos, como também o conjunto de trabalhos, de artesanais, de lances e de costumes regionais característicos. Vejamos mais duas citações:

“Da mesa do bar vejo a vida passar
como um rio de águas revoltas
que vão desaguar na utopia ou no adeus”.

(in: *Rosa dos Minutos*, p. 157)

“Em vôos rasantes, ao léu,
os urubus mais parecem
anjos expulsos do céu”.

(id., p. 44)

Em inúmeras passagens constatamos também como o sertão, que impregna cabalmente o mundo campestre, infiltra-se igualmente nas sertanejas áreas citadinas. Todos os elementos da natureza se tor-

nam onipresentes na grande maioria dos seus poemas das primeiras fases, e de todas as formas são evocados ventos e águas, nuvens e sol, animais e plantas, secas e enxurradas, pássaros e flores, nuvens e noites, escuros e claros, fomes e farturas, medos e coragens, vítimas e algozes, tudo o que goza e sofre, tudo o que vive e morre.

A natureza revive na poesia de Carvalho e acompanha inclusive em todo o seu percurso onírico e imagístico, confrontativo ou contemplativo, simbolizando-o inclusive. Nosso grande poeta universaliza, por amor e como filho dele, o nosso grande sertão ainda vivo, belo e forte. O próprio autor, muitas vezes, lança mão do que poderíamos chamar de “erros estéticos” da linguagem portuguesa, o que não deixa de enriquecer o lado criativo da sua expressão linguística.

Unidade

Globalmente falando, entretanto, mantém uma extraordinária unidade estilística, não obstante os pequenos (ou até mesmo grandes) senões intencionalmente espargidos pela obra. Carvalho, como poeta, está em tudo, e tudo nele está como poeta – uma maré de poesia, um vulcão de poesia. No seu agônico contraponto com as palavras, flagramos uma continuada evolução do simples para o complexo, mas também do peso do complexo para a leveza do simples.

“Ó vida breve,
Ó vida efêmera
Como eu te amo
Doida quimera”.
(Rosa dos Minutos, p. 79).

“De barro somos feitos, e de barro
Fazemos nossa vida e nossa morte”.
(*Mortos não jogam xadrez*, p. 88).

Seu sobrenome esparge um gigantesco carvalho de poesia, numa compacta obra, tronculosa, mas cândida, com toda a riqueza e exuberância vocabular. Na realidade, nosso autor também não deixa de revolucionar, de certa forma, a literatura, quando poeticamente chega a realizar crônicas e outras formas literárias como poesia.

Tudo, afinal, nele é poetizante e poetizável, pois que a poesia nele ultrapassa suas próprias fronteiras, chegando a englobar, muitas vezes, o gênero da prosa, e até a eliminar as fronteiras com a mesma, o que ocorre com certa frequência.

Finalmente, mais que jardinística e florestal, a obra do nosso poeta implica uma verdadeira e complexa revolução literária, que abrange o domínio de formas e de sentidos, a criatividade fônica e semântica, sempre incursionando, inclusive, uma espécie de carpintaria linguística muitas vezes simbolista, outras vezes mística, metafísica e mistérica, e até mesmo surrealista.

Vale dizer que sua obra possui também esse rico conteúdo transcendente, de certa forma ocultado pelo sentido e clareza primevas das palavras, mas que ocorre continuamente.

Assim sendo, não se limita a poemática de Francisco Carvalho às já tão decantadas destrezas artesanais, mas incorpora também a intuição do que de oculto remanesce nas infinitas riquezas objetuais do cosmo.

Assim é que no seu riquíssimo universo temático, não só baseado em ampla percepção do mundo, das coisas e dos ambientes, como também numa sólida cultura das tradições lítero-religiosas e das tradições das criações literárias primevas que subsistiram, funde o nosso autor modernismo e antiguidade, incursiona criativo no requintado reino da metáfora, e aflora sutilezas míticas cruzando os patamares do que existe de misterico nos quadrantes da realidade.

Finalizamos nossa modesta introdução à obra de Francisco Carvalho com duas citações do mesmo.

Ambas pertencem à obra intitulada *Barca dos Sentidos*.

Diz a primeira:

“Acontece que o fulgor do mistério
me trespassa com um punhal!”
(p. 82 da obra citada)

E, acerca do mito, conclui:

“Como escapar ao mito?
Como escapar à asa
do mistério que me permeia?”
(Id, p. 43).